



FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE - FANESSE
ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E PESQUISA “GRACCHO CARDOSO”

MICHELLE DO MENINO JESUS ARAGÃO

**A INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIA E
COMUNITÁRIA EM SERGIPE - UM LEVANTAMENTO
PRELIMINAR**

ARACAJU

2017

MICHELLE DO MENINO JESUS ARAGÃO

A INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIA E
COMUNITÁRIA EM SERGIPE - UM LEVANTAMENTO
PRELIMINAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe
– FANESE como um dos pré-requisitos para a
obtenção do título de Especialista em Tradução,
Interpretação e Ensino de Língua Estrangeira.

Orientadora: Prof^a Dr^a Stefania Buonamassa

ARACAJU

2017

RESUMO

Desde muito cedo na história, a presença do intérprete faz-se indispensável. Com o mundo cada vez mais globalizado, a demanda para esses profissionais tem crescido. Como consequência, o grau de conhecimento e precisão do profissional é fundamental para atender às exigências do mercado. Em Sergipe não há tradição de demanda desses trabalhos, contudo, a instituição FANESE é a pioneira em montar turmas e formar profissionais para que atenda o mercado. Nesse trabalho, apresento os tipos de interpretação, habilidades, uma breve descrição da formação em Sergipe e dados levantados com alguns profissionais sergipanos.

PALAVRAS-CHAVE: Intérprete, interpretação, interpretação comunitária

ABSTRACT

Since very early in history, the presence of interpreters has proved to be essential. With the world getting globalized, the demand for these professionals has increased. As a consequence, the professional's level of knowledge and accuracy must meet the market demands. In Sergipe, there is not a very high demand for this kind of job, however, FANESE institution is the pioneer in opening groups and forming professionals to meet the market. The objective of this paper is to show the kinds of interpretation, skills, a brief description of these professionals in Sergipe and collected data with some professionals from Sergipe.

KEY WORDS: Interpreter, interpretation, community interpretation

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	01
1.1. Breve Histórico da Interpretação.....	02
2 MODALIDADES DE INTERPRETAÇÃO	
2.1. Interpretação Consecutiva.....	06
2.2. Interpretação Sussurrada.....	08
2.3. Interpretação Simultânea.....	09

3 O INTÉRPRETE EM CENA

4. SITUAÇÃO DO ENSINO DA INTERPRETAÇÃO EM SERGIPE E ENTREVISTAS COLETADAS

4.1 O ensino de tradução e interpretação no Brasil e em Sergipe

4.2 Dificuldades na definição da amostra para a pesquisa

4.3 Material coletado e comentários

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROPOSTAS DE MELHORIA

1 INTRODUÇÃO

A interpretação é a atividade intelectual que consiste em facilitar a comunicação oral entre duas ou mais pessoas que não falam a mesma língua. Para que ela aconteça são necessários três componentes: o orador, o discurso e o intérprete. Estes devem ser totalmente interligados e dependentes. A interpretação é um processo de decodificação de significados e produção de valores, um processo que ocorre dentro de contextos econômicos, políticos, históricos, sociais e culturais, diretamente relacionado ao mundo em que os participantes vivem. Um dos propósitos da interpretação é aumentar e melhorar a comunicação entre os povos e propagar a paz entre as nações.

Apesar dos termos “tradução” e “interpretação” serem aplicados aleatoriamente no dia-a-dia para descrever a ação de transferir significados de uma língua para outra, suas atividades são totalmente distintas. Tradução refere-se à transferência de significados de texto para texto, normalmente escritos, gravados ou em linguagem de sinais. Nela existe tempo suficiente para consultar dicionários, glossários e outras fontes, portanto, o seu grau de precisão é muito maior. Já a interpretação acontece *in loco*. Por lidar com linguagem oral, existe muito pouco tempo para assimilar a informação transmitida, traduzir para a língua de chegada, doravante LC, e reorganizá-la de modo que o discurso seja coerente. Além disso, a pressão é muito maior já que todos os conferencistas e clientes encontram-se presentes.

1.1 BREVE HISTÓRICO DA INTERPRETAÇÃO

A mais antiga referência a um intérprete parece ser um hieróglifo egípcio do terceiro milênio antes de Cristo. Há registros de intérpretes na antiga Grécia e no Império Romano. Na Bíblia, o Apóstolo Paulo faz a seguinte admoestação em sua Epístola aos Coríntios: “E se alguém falar em língua desconhecida faça-se isso por dois, ou quando muito três, e por sua vez, e haja intérprete” (I Coríntios 14:28). A atuação de intérpretes também está documentada na Idade Média, seja nas Cruzadas ou em encontros diplomáticos. No Novo Mundo, sabe-se que Colombo trouxe intérpretes em sua expedição, ainda que das línguas erradas: hebraico, caldeu e árabe. Mais conhecido e mais bem documentado é o caso de Doña Marina, famosa intérprete de Cortez em sua conquista do México (cf.: Hogg 1997).

Mas a interpretação de conferências mais próxima do que conhecemos atualmente teve início com a Primeira Guerra Mundial. Anteriormente, as negociações internacionais eram realizadas basicamente em francês, uma vez que essa era a língua comum aos diplomatas da época. Foi o que aconteceu, por exemplo, no famoso Congresso de Viena, realizado em 1814-1815. Com a entrada dos Estados Unidos na Grande Guerra, torna-se necessária a interpretação entre inglês e francês, uma vez que alguns dos representantes americanos, como também os da Inglaterra, não falavam francês com a fluência necessária para as negociações. Considera-se que o primeiro dos intérpretes modernos foi Paul Mantoux. Nascido e educado na França, era professor do University College, de Londres. Foi o principal intérprete das conferências realizadas na França imediatamente após a Primeira Guerra, que negociaram o Tratado de Versalhes.

No período de aproximadamente duas décadas entre as duas Guerras Mundiais, ganha ímpeto a interpretação consecutiva entre o inglês e o francês, as duas línguas utilizadas na Liga das Nações, sediada em Genebra, na Suíça. As coisas começam a complicar-se com a criação da Organização Internacional do Trabalho, uma vez que alguns representantes sindicais não falavam francês nem inglês e tinham de expressar-se em sua própria língua. Utiliza-se aí uma combinação de interpretação consecutiva e “interpretação cochichada” ou *chuchotage*, como é conhecida nos meios profissionais, e um sistema primitivo de simultânea, que não teve grande sucesso. Pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial surge o equipamento, ainda que embrionário, que viria a possibilitar a interpretação simultânea como conhecida hoje em dia, produzido pela IBM. Com o início da Guerra e o fim da Liga das Nações, a ideia foi, inicialmente, abandonada (cf.: Herbert 1978; Gaiba 1998).

Muito embora, no âmbito da Interpretação de Conferência, a interpretação simultânea seja considerada a que mais requer especialização, concentração e aptidões específicas por parte do profissional, nossa pesquisa dirigiu-se à modalidade denominada ‘consecutiva’ e à interpretação comunitária, modalidade esta que não recai no âmbito da Interpretação de Conferência, porque, ambas, pressupõem a presença física do intérprete entre as pessoas às quais está dando assistência

A escolha das questões de pesquisa foi baseada na busca da definição de um perfil do intérprete sergipano e da maneira com que, eventualmente, gere os erros de comunicação.

A Interpretação é, de fato, modalidade de intercâmbio comunicativo muito antiga. Entretanto, só recentemente começaram a ser sistematizados os estudos acadêmicos a respeito

desta forma de comunicação. Pesquisando em alguns sites de buscas na *Internet*, descobri alguns trabalhos sobre Interpretação Simultânea, a exemplo do texto “Interpretação na Mídia: as dificuldades do intérprete na modalidade simultânea”, de Tarcilla Sodré Burginga Menezes e Michelle Reis de Sousa (2006). Trata-se de uma monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Tradução e Interpretação, defendida na Universidade Católica de Santos, São Paulo. Outro texto bastante proveitoso foi o de Reynaldo Pagura, “A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores” (2003). Esse trabalho mostra como, apesar de semelhanças teóricas, os dois processos são operacionalizados de maneiras bastante diferentes. Discute algumas implicações para a formação de tradutores e de intérpretes resultantes da operacionalização dos dois processos.

Diante da produção científica existente acerca do assunto, verifiquei a importância desse trabalho de pesquisa ser realizado, pois é crescente a necessidade do uso da Interpretação no contexto social atual e a realização de um trabalho de interpretação com a máxima qualidade depende do conhecimento produzido sobre o assunto.

Além das referências bibliográficas, os dados que subsidiaram o levantamento foram coletados através de entrevistas, realizadas com 3 intérpretes. A entrevista foi baseada em questões referentes à experiência profissional em interpretação e suas dificuldades, seguindo um roteiro previamente organizado, conforme anexo A, deste trabalho.

Uma das hipóteses de pesquisa que formulamos diz respeito à peculiar execução de um serviço de interpretação consecutiva ou comunitária, quando comparado ao serviço de simultânea. Neste, o intérprete, via de regra, não está visível, e sua atuação dá-se mediante suportes tecnológicos constituídos, essencialmente, em cabine de interpretação, onde o intérprete leva adiante sua função, e fones de ouvido para os participantes, através dos quais recebem a voz do intérprete. Naquelas duas modalidades, ao contrário, embora o intérprete não seja escravo do ritmo de fala do orador, está fisicamente no meio das pessoas cuja comunicação está intermediando e, portanto, além do desgaste relativo ao serviço em si, há também o estresse da exibição, do estar fisicamente presente e perfeitamente identificável.

As emoções e os afetos exercem importantes papéis na existência humana. Na pré-história, seus principais papéis eram de sobrevivência, ativando o sistema fisiológico, que tornava o homem predisposto a executar ações específicas em prol da manutenção da vida. Adquiriram, então, a função de comunicação e registro de momentos significativos da história

do sujeito, podendo, às vezes, ser adequados a gêneros e contextos sociais específicos, devido às normas e costumes específicos da sociedade. A expressão da subjetividade e da individualidade constitui outro importante papel das emoções e afetos.

As emoções distinguem-se dos afetos na medida em que se relacionam com as alterações fisiológicas e comportamentais desencadeadas por estímulos internos, como pensamentos e imagens mentais ou estímulos externos e independem da ação consciente. Já os afetos, subdivididos em sentimentos, humores e temperamentos, apresentam maior constância temporal e estão relacionados a aspectos cognitivos.

Buscar definições para um fenômeno tão multifacetado como os estados afetivo-emocionais, tem resultado em significativas divergências teóricas, não havendo um consenso quanto a que aspecto exerceria a primazia. Para a perspectiva biológica, a emoção, devido à sua função mantenedora da sobrevivência, selecionaria as manifestações afetivas adequadas. Em contrapartida, a perspectiva do construtivismo social aponta a determinação cultural sobre a expressão da emoção e dos afetos, implicando em deliberações cognitivas anteriores a expressão da emoção.

Toda língua possui uma carga de significação intrínseca à cultura a que pertence. Portanto, as estruturas, as expressões, ou seja, a língua de um modo geral possui características que refletem o modo de pensar do povo que a utiliza. Por isso, encontramos com certa frequência palavras que não existem em outra língua, assim como línguas que são mais detalhadas, redundante ou sintética do que outras.

2 MODALIDADES DE INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIA

2.1. Interpretação Consecutiva

Considerada a mais difícil das interpretações, a consecutiva costuma ser adotada em casos que não haja nenhum equipamento técnico para a simultânea ou que a segunda não seja possível. Nesse caso, o profissional trabalha sozinho.

De acordo com a Associação Internacional de Intérpretes de Intérpretes de Conferência (17 jul.2007):

Na interpretação consecutiva, o intérprete, situado ao lado do orador, interpreta para um determinado idioma, e após o orador, o discurso

deste último. O comprimento do discurso pode variar e o intérprete deve tomar notas durante a intervenção do orador.

Na consecutiva, os intérpretes devem saber ouvir, entender, fazer anotações, e, principalmente, saber como realizá-las. Ao fazer anotações, ele deve além de ser rápido, desenvolver técnicas para escrever com clareza, pois muitos números, datas, nomes e títulos costumam estar presentes no discurso e a leitura deve ser realizada rapidamente para que a pressão imposta pela interpretação não seja ainda maior. Ele deve respeitar a entonação e a retórica do conferencista original.

Pode-se dizer que existem duas fases diferentes na interpretação. Elas são separadas em duas na consecutiva: a fase da audição e a fase da reformulação.

Fase da audição

- O esforço da escuta.
- O esforço da produção escrita (anotações, não apenas a anotação traduzida do discurso).
- O esforço da memória a curto-prazo

Fase da reformulação

- O esforço da leitura das anotações
- O esforço da memória de longo-prazo (armazenar a informação por longos períodos para produzi-las mais tarde).
- O esforço da produção (organizar as informações recebidas e produzi-las com coesão, mantendo o conteúdo do discurso original).

Um evento com interpretação consecutiva pode levar horas, o que é um grande desgaste para o intérprete. Por utilizar muito de sua memória de longo-prazo, o ideal é que o discurso original contenha pausas providenciais e que a ideia principal daquele trecho seja concluída. Assim, o intérprete poderia traduzir uma ideia completa, importando-se com o seu sentido e não somente com as palavras utilizadas no original. Caso se concentre muito nos detalhes e nas palavras, pode perder-se em suas anotações, prejudicando, desse modo, o entendimento e a clareza do discurso.

No módulo Estudos de Interpretação, ministrado na FANESE, como parte do curso de Especialização em Tradução, Interpretação e Ensino de Língua Estrangeira, a professora Stefania Buonamassa diz que o intérprete não é nem o emissor original, nem o receptor final da mensagem. O discurso-intérprete configura-se mais como uma reconstrução de sentido a partir de um sentido preexistente. Isto implica um forte envolvimento de energia cognitiva, tanto na fase ‘passiva’, de escuta e compreensão, quanto na fase ‘ativa’ de reformulação.

A IC é, em primeiro lugar, uma operação mental e, em segundo lugar, uma operação intralinguística. Ainda, abrange uma terceira componente, a *prise de notes*, a anotação, que representa o suporte e a complementação integrativa às primeiras duas fases.

Ainda no material elaborado pela professora Stefania, há alguns exemplos de aptidões extralinguísticas específicas necessárias ao intérprete de consecutiva e/ou comunitária.

A primeira passagem obrigatória para treinar a IC é aprender a escutar. Uma coisa é ouvir um texto para extrair informações por si. Outra, completamente diferente, é ouvir um texto, e compreendê-lo para depois oferecer suas informações a um determinado público. Assim, o treinamento à escuta ativa e seletiva, à elaboração dos conteúdos e dos significados, à apropriação do *vouloir dire* do orador, à visualização mental dos conceitos expressos e de suas relações de interdependência lógica representa uma passagem obrigatória, antes de prosseguir com a fase sucessiva, isto é, a estruturação preliminar do próprio sistema gráfico de anotações. Nesta segunda fase, é interessante exercitar-se a anotar informações, independente de qualquer preocupação de transposição linguística. Aquele que pode ouvir uma fala e imediatamente depois repeti-la de maneira exata, completa e satisfatória, até mesmo na mesma língua, preenche um dos requisitos mais complicados da interpretação.

Reynaldo Pagura em seu artigo intitulado “A INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIAS: INTERFACES COM A TRADUÇÃO ESCRITA E IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE INTÉRPRETES E TRADUTORES, cita Nida (1964:50), onde ele declara a respeito do domínio linguístico por parte dos tradutores:

O primeiro e mais óbvio dos requisitos de qualquer tradutor é que tenha conhecimento satisfatório de língua de partida. Não basta que ele seja capaz de compreender o sentido geral do texto, ou que tenha o hábito de consultar dicionários (o que terá de fazer de qualquer modo). Ele deverá entender não somente o conteúdo óbvio da mensagem, mas também as sutilezas de significado, o valor emotivo significativo das palavras e as características estilísticas que determinam o “sabor e sentimento” da mensagem (...) Ainda mais importante do que o conhecimento dos recursos da língua de partida é o controle completo da língua de chegada. (...) [N]ão há substituto para o domínio pleno da língua de chegada.

Embora Nida refira-se a tradutores, a mesma exigência obviamente aplica-se a intérpretes. Jones (1998:12) deixa isso bem claro:

Ao falarmos de compreensão, referimo-nos não à compreensão de palavras, mas de ideias, pois são as ideias que teremos de interpretar. Obviamente, não se podem compreender as ideias se não se compreenderem as palavras que o orador está utilizando para expressá-las, ou caso não se esteja suficientemente familiarizado com a gramática e a sintaxe da língua do orador, para que seja possível acompanhar suas ideias.

2.2. Interpretação Sussurrada

Segundo a Associação de Intérpretes de Conferência (17 jul 2007):

A interpretação sussurrada é um modo de interpretação no qual o intérprete, sentado ao lado de um ou dois participantes, sussurra a interpretação do discurso. É um modo utilizado apenas quando duas pessoas no máximo precisam de interpretação e deve ser evitado quando vários intérpretes trabalham na mesma sala, ao mesmo tempo. Por ser cansativo para as cordas vocais, só é recomendado para reuniões curtas, e como para a simultânea, são necessários dois intérpretes trabalhando em alternância.

Também conhecida do francês *chuchotage* e do inglês *whispered*, ela é utilizada em circunstâncias nas quais a maioria do grupo fala uma língua que a minoria (no máximo três pessoas preferencialmente) não fale.

2.1.3. Interpretação Simultânea

Segundo Magalhães Junior (2007, p. 217), esse modo de interpretação é a tradução oral imediata de uma apresentação ou palestra, na qual os intérpretes, trabalhando sempre em dupla, isolam-se numa cabine onde possam ver o palestrante ouvir a palestra com a ajuda de fones de ouvido. À medida que vão se alternando, vão repetindo a mensagem imediatamente em outra língua. Assim, os participantes recebem a tradução por meio de receptores sem fio e fones de ouvido, como se fosse um filme dublado.

Como explica Magalhães (2007, p.146), a interpretação simultânea é uma tarefa de processamento de informação intensiva na qual os intérpretes podem trabalhar por no máximo 6 horas.

Assim como na consecutiva, é imprescindível que o intérprete tenha cuidado para que não fique engessado a palavras ou trechos em busca da equivalência de uma palavra, pois isso fará com que mais tempo seja gasto e a fala posterior ficará comprometida.

“A principal razão para se trabalhar a dois é a absoluta atenção exigida no ofício.” (Ibidem, p. 108). Por conter termos desafiadores, tais como vocabulário técnico e jargões, é necessário a total concentração dos “concabinos¹”, pois o conteúdo é geralmente muito denso e apresentado em alta velocidade e toda e qualquer distração pode significar uma perda no conteúdo. Magalhães Junior afirma que já se comprovou cientificamente que o ser humano consegue manter níveis altos de atenção por apenas períodos curtos de tempo. Dessa forma, para que uma interpretação simultânea seja bem-sucedida, os intérpretes devem se alternar a cada 20 ou 30 minutos aproximadamente, permitindo assim, total atenção ao discurso.

A cordialidade, o respeito e a confiança entre os concabinos é vital, pois a parceria vai fazer com que o trabalho seja bem-feito e com isso, podem se entender com gestos, palavras e olhares. Se essa interação não for bem trabalhada, o trabalho pode ser comprometido, pois o sucesso e o fracasso da interpretação dependerão da dupla. Eles devem respeitar tanto os colegas experientes como iniciantes. Enquanto um intérprete atua, o outro trabalha passivamente na cabine, oferecendo suporte ao colega, mantendo-se atento para prever e se possível corrigir eventuais equívocos de entendimento ou interpretação, oferecendo opções por meio de contribuições orais e/ou gestuais. Entretanto, o mais comum é a troca de informações por escrito. São feitas anotações de palavras-chave, siglas etc., além de consultar glossários e dicionários. Vale lembrar que durante a comunicação dentro da cabine, deve-se ter cuidado com barulhos de fundo. Fatores externos na interpretação devem ser evitados, pois podem interferir, prejudicando assim o trabalho. Exemplos: estalar de dedos, assovios ou comentários audíveis. Quando necessário, há uma ferramenta no equipamento de som chamada *cough button*, que corta o canal da interpretação para que os ouvintes não ouçam.

¹ Termo utilizado na interpretação simultânea para designar o colega de cabine.

Conhecida como uma “consecutiva acelerada”, a interpretação simultânea contém operações que exigem uma capacidade de processamento proficiente, devido ao fato de acontecerem simultaneamente e exigirem muita agilidade. Esses processos se resumem em “esforços”, citado anteriormente na consecutiva:

- O esforço da escuta (ouvir e analisar o discurso original).
- O esforço da produção (produzir na LC a versão do discurso).
- O esforço de memória a curto-prazo (arquivar a informação recebida até transmiti-la na LC).

Na simultânea, as duas línguas de trabalho são utilizadas ao mesmo tempo na memória ativa ao processar a informação recebida. Assim, é preciso atenção para inibir a influência da língua de partida ao produzir o discurso da língua de chegada a fim de se evitar interferência.

Além de autores que tratam da Sociolinguística, a fundamentação teórica que orienta este trabalho advém da área de Tradução e tem como base a teoria de interpretação de Danica Seleskovitch, e Marianne Lederer que, fugindo da abordagem linguística, que anteriormente caracterizava os estudos de tradução, postulou que uma tradução (interpretação) escrita e oral bem sucedida é baseada no entendimento da mensagem na língua de partida e a reformulação dessa mensagem na língua de chegada, focando no sentido e não simplesmente nas palavras do original, embora, no entanto, considerando o seu registro e estilo. Essa intuição, baseada em sua experiência como intérprete, era mais parecida com as conclusões dos estudos psicológicos e cognitivos da língua, que também começavam a abrir este novo caminho na época, e os procedimentos utilizados de Amado L. Cervo & Pedro A. Bervian (1983). Foram utilizados também trabalhos de Raffaella de Filippis Quental, no seu artigo “Ética Profissional e o erro em interpretação de conferência: estudo de casos.” (2006).

3 O INTÉRPRETE EM CENA

Com a exposição das várias modalidades de interpretação de conferência, ficou patente que, no caso da simultânea, o intérprete é apenas uma voz que oferece aos ouvintes a tradução daquilo que está sendo apresentado. Há, todavia, situações em que o intérprete está literalmente na cena, por não lançar mão de recursos tecnológicos que o afastam fisicamente

do público, quer de tipo fixo (cabine e fones de ouvidos), quer móvel (a denominada malinha de interpretação)

Tais situações abrangem tanto o campo da interpretação de conferência quanto o da interpretação denominada “comunitária” ou “de ligação”, *liaison* em francês, utilizada em situações com menor número de participantes, geralmente em ambientes profissionais (reuniões de trabalho, consultas médicas), mas que, em todo caso, inserem o intérprete diretamente no meio em que está atuando: não é mais uma presença apenas sonora, mas está fisicamente entre as pessoas às quais está dando assistência. Percebe-se, então, que nestas circunstâncias, a gestão das emoções e do eventual erro será peculiar, pois o profissional estará totalmente exposto e não fisicamente separado de seus assistidos.

Embora não seja alvo deste levantamento, não podemos esquecer que existe também o intérprete de Língua de Sinais – LIBRAS, que é a pessoa que interpreta a mensagem de uma dada língua para a língua de sinais e vice-versa, sem perder o seu sentido original, e cuja atuação, forçosamente, dá-se sempre de forma comunitária. Neste caso, a interpretação passa por outro estágio: não mais a transferência de um idioma para outro, mas a transcodificação de um discurso oral para uma linguagem gestual. É importante lembrar que a interpretação entre duas línguas é bidirecional (como uma via de mão dupla Conforme Quadros (2004), essas línguas são denominadas Língua Fonte (LF), que é a língua que o intérprete ouve ou vê para, a partir dela, fazer a tradução e interpretação para a outra língua, denominada Língua Alvo (LA)).

Assim, o intérprete recebe uma informação na LF e deve escolher como enunciar essa informação na LA. Essa escolha não é simples, pois não são somente 12 palavras pronunciadas, mas ideias e opiniões. Não sempre se encontram referentes diretos de uma língua na outra, e por isso é necessário interpretar o significado do que foi dito em uma língua e buscar manter o sentido mais próximo quanto for possível na outra língua. Pode-se citar o exemplo utilizado por Vygotsky (2008) ao falar da interdependência dos aspectos semânticos e gramaticais da linguagem, quando esse se refere à tradução da fábula “A cigarra e a formiga”, de La Fontaine, feita por Krylov. Levemos em conta, entretanto, que, enquanto o processo de tradução é mais demorado, permitindo ao tradutor contínuas idas e vindas entre a LF e a LA, isso não ocorre com a interpretação, em que tudo ocorre no espaço de poucos segundos ou, no máximo, alguns minutos, sem possibilidade de voltar atrás.

Em francês, cigarra é uma palavra feminina, e, portanto, adequada para simbolizar uma atitude despreocupada e alegre. A nuance se perderia numa tradução literal, uma vez que em russo cigarra é masculino. Ao optar por libélula, que em russo é feminino, Krylov descartou o significado literal em favor da forma gramatical necessária para transmitir o pensamento de La Fontaine. (VYGOTSKY, 2008 p. 160, grifo do autor)

Interpretação comunitária, social, cultural, de ligação, ou ainda de serviço público são alguns dos termos usados para alinhar a atividade dos intérpretes que atuam em interações de diálogos intrassociais, especialmente os que ocorrem em encontros em que os participantes negociam direitos e deveres. Cada uma das terminologias, como sugere Urpi, (2009), Bavlay et al, (2007) tem suas próprias conotações, e atendem as perspectiva que cada sociedade tem sobre o papel do intérprete. Segundo a definição de Shackman (apud BOWEN, 2000), o intérprete comunitário é responsável em facilitar a comunicação entre profissional e cliente, com diferentes backgrounds e percepções, numa relação desigual de poder e conhecimento.

Outras definições para este modo de interpretação são encontradas na bibliografia disponível: interpretação de serviço público é usada no Reino Unido (CORSELLIS, 2005), enquanto que, no Canadá, dá-se preferência ao termo interpretação cultural (ABRAHAM & ODA, 1998). Na Itália, segundo RUSSO (2004), um “*mediatore (inter)culturale*”, é um imigrante treinado que já reside no país por bastante tempo. Na definição de ROBERTS (1998:2), um intérprete comunitário se diferencia dos demais tipos de intérpretes porque: I) intérpretes comunitários servem primeiramente para assegurar o acesso a serviços públicos, e é então provável que seu trabalho esteja ligado a contextos institucionais; II) eles estão mais aptos para interpretar interações de diálogos do que discursos; III) rotineiramente interpretam ‘de’ e ‘para’ ambas ou mais línguas faladas no âmbito de trabalho; IV) a presença do intérprete fica muito mais evidente no processo de comunicação do que as interpretações de conferência; V) um número de línguas, sendo muitas delas línguas minoritárias, que não são a língua o em nenhum país, são interpretadas no nível comunitário, diferentemente do número limitado de línguas falado em trâmites do comércio e diplomacia internacional feita por intermédio do intérprete acompanhante ou de conferência; e VI) o 38 intérprete comunitário é frequentemente mencionado como um “advogado” ou “mediador” cultural, função esta que vai além do tradicional papel neutro do intérprete.

Vistas, então, as várias formas de interpretação, vamos expor, a título exemplificativo, parte da entrevista concedida por Walter Estella, intérprete de conferência brasileiro, de fama

nacional. Seu testemunho será o nosso ‘espelho’, para compararmos as reações do Walter, em situações críticas, com os de nossos entrevistados. De fato, ao ser questionado sobre situações inusitadas, Walter respondeu:

Você já passou por alguma situação inusitada no exercício de sua profissão?

Uma das experiências mais frustrantes foi um congresso de Medicina. O último palestrante do dia foi um médico japonês, que nos entregou o texto que seria lido. Achei ótimo, porque o sotaque dele era incompreensível. De repente ele começou a improvisar, fugindo totalmente do texto. Não entendi uma palavra do que ele dizia. Sintonizei na cabine ao lado, que fazia a tradução do inglês para o espanhol para ver como elas estavam traduzindo e qual não foi a minha surpresa ao perceber que minhas colegas estavam sintonizadas na minha cabine para tentar ouvir a minha tradução, porque elas também não conseguiam entender nada. Ou seja, foi um silêncio total nas duas cabines.

E ainda:

9. Qual dica você dá para quem está aprendendo inglês e quer se tornar intérprete?

O conhecimento do idioma é o pré-requisito básico, mas é necessário investir na profissão, assim como faria qualquer outro profissional. É necessário fazer um curso específico de tradução simultânea.

Além do curso da Associação Alumni, fui fazer especialização na França, Espanha e Argentina.

É muito importante manter-se atualizado. Leitura diária de jornais, literatura, cadernos técnicos, ter bons dicionários, saber fazer buscas na internet: tudo isso são ferramentas do intérprete².

² <https://www.englishexperts.com.br/entrevista-com-walter-estella-interprete-de-conferencias/>

4. SITUAÇÃO DO ENSINO DA INTERPRETAÇÃO EM SERGIPE E ENTREVISTAS COLETADAS

4.1 O ensino de tradução e interpretação no Brasil e em Sergipe

No Brasil, a interpretação de conferências como profissão, em sua modalidade simultânea, teve início com um encontro internacional da Organização Panamericana de Saúde, realizado no Rio de Janeiro em 1948. Nesse evento foi utilizado o mesmo equipamento fabricado pela IBM, derivado da patente desenvolvida na década de 1920 no âmbito da OIT, semelhante ao utilizado nos Julgamentos de Nuremberg e na ONU. Atuou nesse evento o intérprete que é conhecido hoje por seus colegas de profissão como o decano da profissão no Brasil, Carlos Peixoto de Castro, residente no Rio de Janeiro. Posteriormente houve uma série de eventos em 1954 em São Paulo, relacionados às comemorações do Quarto Centenário da cidade. Entre as intérpretes que atuaram então estavam Jaqueline Branco, Renata Hammoud e Ingrid Orglmeister, três das futuras fundadoras da Associação Paulista de Intérpretes de Conferências, em 1971, que viria a ser posteriormente denominada Associação Profissional de Intérpretes de Conferências (APIC) e congregaria intérpretes de todo o Brasil. Essa associação, que muito contribuiu para a profissionalização dos intérpretes no país e teve como primeira presidente Ulla Schneider, ainda hoje atuante na Europa, foi inspirada na Associação Internacional de Intérpretes de Conferências (AIIC), fundada em Paris, em 1953, e hoje sediada em Genebra, na Suíça, que estabelece padrões profissionais para os intérpretes de todo o mundo.

Em Sergipe não havia um curso para formação de tradutores/intérpretes. Os profissionais que faziam esse tipo de trabalho eram formados em outras áreas e, por ter um conhecimento da língua inglesa, propunham-se a realizar trabalhos de interpretação. A Faculdade de Administração e Negócios (FANESE), com um corpo de professores competentes, foi a primeira instituição em Sergipe a montar turmas para esse fim. No estado ainda é muito tímida a necessidade de intérpretes.

4.2 Dificuldades na definição da amostra para a pesquisa

Como foi visto na seção anterior, a oferta de cursos de formação de tradutores e intérpretes, em Sergipe, está ainda em fase inicial. Conseqüentemente, até mesmo a oferta de serviços profissionais, no Estado, é muito limitada. Há várias pessoas – e isso foi constatado com base na própria experiência pessoal – que exercem essa atividade de forma intuitiva,

espontânea, geralmente com base no conhecimento de um ou vários idiomas estrangeiros, mas que ignoram as modalidades, as linhas mestras, as técnicas específicas desta profissão.

De fato, ao lançarmos a pesquisa, foram pouquíssimos os intérpretes, ou melhor, os que se definem intérpretes, que responderam ao chamado. Portanto, diante da expressividade muito reduzida da amostra que conseguimos envolver, não apresentamos nossos resultados como os de uma pesquisa propriamente dita, e sim de um levantamento inicial, quiçá voltado a melhorar da qualidade da prática profissional e a oferta acadêmica no Estado.

4.3 Material coletado e comentários

O roteiro de entrevista aplicado previa 13 perguntas.

À pergunta sobre a formação acadêmica, todos os entrevistados responderam indicando, para tal, uma graduação em Letras (Português/Inglês ou Português/Espanhol), concluída ou em andamento, acompanhada por cursos de pós-graduação ou outros cursos de graduação em áreas alheias à interpretação e à tradução. Portanto, nenhum dos entrevistados tem formação específica na área e, podemos deduzir, acredita que o fato de conhecer um outro idioma seja suficiente para exercer a atividade de intérprete.

Em relação ao tempo de prática da atividade, todos responderam que são intérpretes há pelo menos dez anos, mas ressaltam também que a atuação é “sazonal”, “não muito frequente”. Isso pode ser também causa da escassa demanda de intérpretes no Estado, não porque não há necessidade, mas porque o público leigo desconhece a importância e a peculiaridade da profissão, entregando, não raras vezes, negociações e reuniões a ‘recursos internos’, algum profissional de outra área que ‘conhece o idioma’.

E, com efeito, à terceira pergunta, relativa aos dias de interpretação já realizados desde o início da atividade, todos responderam com números muito contidos, entre 15 e 45 dias. Considere-se que um intérprete profissional que trabalhe também como tradutor acumula, no ano, algo em volta de 50 dias de trabalho e que as maiores associações de classe internacionais³ exigem, dos que querem associar-se, pelo menos 150 dias de interpretação já realizados.

³ Necessário preencher 3 formulários: pré-candidatura, candidatura e formulário para reclassificação de linguagem

Os entrevistados, com a quarta pergunta, declararam trabalhar somente com o idioma estrangeiro relativo ao próprio curso de graduação em Letras.

Quanto ao ramo de atuação, viu-se que os profissionais que responderam preferem aqueles setores em que têm mais conhecimento (por conta das outras graduações indicadas), o que é sem dúvida um ponto a favor da qualidade dos serviços prestados.

Às perguntas 6 e 7, que vertiam sobre a reação do intérprete quando o trabalho dizia respeito a áreas com as quais não tem afinidade e à preparação para a atuação profissional, todas as respostas foram condizentes com um perfil profissional consciente, embora não especificamente formado. Somente em um caso, percebeu-se uma resposta não lógica, o que pode ser devido, também, à formulação da pergunta ou à pressa do entrevistado em responder.

Já a pergunta 8, que tencionava investigar se o profissional utilizasse auxílios terminológicos durante o trabalho, recebeu respostas que, claramente, indicam, por parte dos profissionais certa confusão entre o ofício do intérprete e de tradutor. Com efeito, é impossível, durante um serviço de interpretação, consultar terceiros, dicionários digitais ou físicos.

A pergunta 9 dizia respeito à escolha de um colega para executar serviços de interpretação e a 10 Pa relação estabelecida entre o entrevistado e o colega. Nos dois casos, e ressalvada uma única resposta que tendia a enfatizar o esforço para criar um bom relacionamento profissional, as demais respostas indicaram claramente um desconhecimento dos parâmetros da função de intérprete, quanto à escolha do colega com quem compartilhar o trabalho e à relação estabelecida com ele.

A pergunta 11 objetivava definir o maior desafio profissional encontrado pelos entrevistados. Somente um respondeu indicando a dificuldade em encontrar a palavra mais adequada, o perceber depois que a palavra escolhida não era a melhor. Os demais limitaram-se a indicar questões logísticas, como horários, pouca antecedência etc. Tais questões são, na verdade, parte do dia-a-dia do intérprete e não podem, de fato, ser considerados desafios.

Finalmente, as últimas duas perguntas diziam respeito à ocorrência de erros e à maneira com que o profissional contornava o erro. Neste caso, alguns profissionais responderam de modo a alocar a responsabilidade do erro sobre fatores outros que não o próprio desempenho. Neste caso, até a resposta sucessiva foi análoga, apontando, como

solução, uma atenta revisão, que, na interpretação, não existe (é própria, pelo contrário, da tradução).

Em conclusão, podemos afirmar que, com base nos poucos resultados recolhidos, o levantamento inicial aponta por um panorama profissional, em Sergipe, restrito. Os profissionais que atuam como intérpretes, além de não terem formação específica, em vários casos desconhecem as modalidades básicas da atuação e, em alguns casos, até confundem interpretação com tradução. Por outro lado, há pessoas que, mesmo sem formação específica, talvez instintivamente atuem de forma correta e profissionalmente apreciável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROPOSTA DE MELHORIA

Ser um intérprete profissional é gratificante, mas com certeza, ao mesmo tempo, exige muito da pessoa. Ter conhecimento do que pode induzir ao erro é um bom início para que o trabalho seja feito de maneira satisfatória. Entretanto, não há um modelo a ser seguido, pois, conforme Quental (2006, p. 30) afirma, não há estudo, cultura geral ou atualização que possam suprir toda uma gama de informações a que estamos expostos. Podemos, então, fazer uma previsão e nos preparar para a realização de um trabalho satisfatório.

Além das habilidades linguísticas necessárias ao profissional, há que se ter cuidado com o lado pessoal também. Antes de um trabalho de interpretação, é aconselhável que tenha uma boa alimentação, consiga dormir bem e esteja sempre sóbrio, para que o trabalho não seja comprometido.

Em relação às habilidades e qualificações, devem sempre ser objetivos e claros, coerentes e ágeis. Como a profissão exige um bom conhecimento da língua de partida e de chegada, essas especificações devem ser preenchidas. O conhecimento do que acontece ao redor do mundo também é necessário ao intérprete, pois demonstra que ele está a par do que ocorre e com isso, o seu vocabulário pode aumentar, enriquecendo assim, o trabalho. Leituras de jornais, assistir programas internacionais, ser bom ouvinte, saber falar bem, são requisitos fundamentais aos profissionais.

O intérprete deve saber pesquisar e organizar o material que vai ser utilizado. Deve saber também ter jogo de cintura caso apareça alguma palavra que pode apresentar alguma

dificuldade, de modo que chegue aos ouvintes de forma coesa. O ambiente de trabalho, condições, barulhos, ruídos etc também devem ser observados.

Como foi descrito no presente trabalho, ainda há muito o que se fazer nesse campo aqui em Sergipe, mas creio que em breve, teremos mais profissionais capacitados para realização desses trabalhos.

6 REFERÊNCIAS

HERBERT, J. 1978. How conference interpretation grew. In : D. GERVER e H. SINAIKO (orgs.), *Language, interpretation and communication*. Nova York: Plenum Press.

HOGG, D. (org). 1997. *Aiic expo, slide show*. Website da Association internationale des Interprètes de Conférence, (aiic.net)

QUADROS, Ronice M. de. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC ; SEESP, 2004. 94 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>. Acessado em: 20/09/2017

LEDERER, Marianne. *Translation: The Interpretative Model*. Tradução por Ninon Larché. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 2003. 250p.

NIDA, E. (1964) *Toward a science of translating*. Leiden: E.J.Brill.

MAGALHÃES JR, Ewandro. *Sua majestade, o intérprete: o fascinante mundo da tradução simultânea*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 231p.

MENEZES, Tarcilla Sodré Burginga; Sousa, Michelle Reis de. *Interpretação na Mídia: as dificuldades do intérprete na modalidade simultânea*. 2006. 122 f. Monografia (trabalho de conclusão de curso de Tradução e Interpretação) Universidade Católica de Santos, São Paulo.

QUENTAL, Rafaella de Filippis. *Ética profissional e o erro em interpretação de conferência: estudo de casos*. *New Routes*, São Paulo, p. 30-33, jan.2006

FERREIRA, Breno de Oliveira, MENESES Hélem Soares, ANGELIS, Joanna de, *Emoções e Afetos no Trabalho*, abril 2012. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-organizacional/emocoes-e-afetos-no-trabalho>

ANEXO A – Roteiro de Entrevistas

- 1 – Qual a sua formação?
- 2 - Há quanto tempo atua como intérprete?
- 3 - Do início da atividade, quantos dias de interpretação consecutiva e/ou comunitária já acumulou?
- 4 - Enquanto intérprete de consecutiva e/ou comunitária, com quais pares de idioma trabalha?
- 5 - Existem áreas de atuação específicas ou com as quais sente-se mais afim?
- 6 - Se o trabalho proposto envolve áreas com as quais não sente afinidade, qual é a sua reação/decisão?
- 7- Como você se prepara para a realização do trabalho de Interpretação ?
- 8 - Durante a atuação como intérprete, consegue lançar mão de recursos diversos, como glossários, dicionários online, sites de busca terminológica?
- 9 - Costuma trabalhar com um colega fixo ou confia na escolha do Cliente?
- 10 – Quando compartilha o trabalho com algum colega, como acontece a interação?
- 11- Quais são os principais desafios que encontra?
- 12- Falando na possibilidade que ocorram erros durante a sua interpretação, quais são os fatores aos quais, principalmente, atribui a ocorrência?
- 13 - Para cada uma das respostas acima, qual é a sua maneira de contornar o erro?